

Neônimos oriundos de tradução e suas formações morfológicas em língua de especialidade

Manoel Messias Alves da Silva

Departamento de Letras, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá-Paraná, Brazil.
e-mail: manoelma@onda.com.br Homepage: <http://www.pessoal.onda.com.br/manoelma>

RESUMO. Este estudo tem por objetivo apresentar os resultados das formações morfológicas identificadas em uma pesquisa terminológica monolíngüe. Para tanto, há uma contextualização teórica que procura situar o leitor nas questões relacionadas à terminologia, à língua de especialidade em pauta e às possibilidades de formação morfológica desses neônimos. Constatou-se a diversidade dessas formações na língua de especialidade estudada por meio da adaptação de neônimos oriundos de traduções. Concluiu-se que a língua portuguesa vem se transformando, progressivamente, em uma língua de comunicação especializada.

Palavras-chave: formação morfológica, gestão pela qualidade total, dicionário, neônimos, terminografia.

ABSTRACT. Neologisms from translation and their morphological formation in a specialty language. The aim of this paper is to discuss the results of the morphological formations identified in a monolingual terminological investigation. Therefore a theoretical contextualization to localize the reader in the issues dealing with terminology, specialty language and possibilities of morphological formation of these neologisms is provided. The diversity of these formations in the specialty language studied was verified through the adaptation of neologisms derived from translations. It may be concluded that the Portuguese language has progressively been changed into a language of specialized communication.

Key words: morphological formation, total quality control, dictionary, terminological neologism, terminography.

O processo desencadeado pela globalização econômica colocou em pauta a influência de estrangeirismos em línguas utilizadas, principalmente o Inglês, por países considerados emergentes. Haveria, por parte desses países, intenção ou mesmo motivação para o desenvolvimento de equipes que pudessem trabalhar na harmonização dessas novas noções que vieram juntamente com a influência técnico-científica que esse processo desencadeou?

Na língua geral, os falantes começaram a adotar, de maneira excessiva, esses novos termos da forma como vinculados pela grande imprensa e pela mídia em geral. Por esse motivo, uma polêmica se instalou a ponto de se abordar o problema tendo em vista a preservação da língua portuguesa diante da imposição dos estrangeirismos e dos empréstimos lingüísticos. Nas grandes metrópoles, por exemplo, já seria considerado um avanço se os falantes

passassem a utilizar a unidade léxica 'entrega' em vez de *delivery*, ou mesmo 'liquidação' em vez de *sale*, 'centro de compras' em vez de *shopping center* e até *self-service*, entre outras.

Na realidade, o problema do empréstimo lingüístico não se resolve com atitudes reacionárias, com o estabelecimento de barreiras ou cordões de isolamento à entrada de palavras e expressões de outros idiomas, como o fazem a Alemanha e a França, por exemplo, que adaptam à ortografia vigente de seus respectivos idiomas tudo o que é importado. Resolve-se com o dinamismo cultural, com o gênio inventivo do povo e com as resoluções para suprir as necessidades dos especialistas das mais diferentes áreas do conhecimento. Povo que não forja cultura perde de criar unidades lexicais com energia irradiadora e tem de se conformar, quer queiram seus gramáticos, quer não, à condição de mero usuário de criações alheias.

Nos estudos terminológicos, a questão inicialmente foi resolvida com a admissão de estrangeirismos para fazer frente às necessidades das diversas línguas de especialidade. Com o passar do tempo, teóricos e especialistas das mais diversas áreas iniciaram um trabalho de cooperação no sentido de viabilizar traduções desses termos para suas línguas. Daí a existência, hoje, de um número considerável de dicionários bilíngües que buscam harmonizar, na área de conhecimento específica, as soluções propostas por especialistas e estudiosos da terminologia.

No Brasil não foi diferente. Tendo como língua oficial a língua portuguesa, o país se ressentia da dificuldade comunicacional que essa língua trazia, principalmente na comunicação empresarial. Dadas as dificuldades de fomento à pesquisa no país, a língua portuguesa, como língua oficial do Brasil, sempre foi considerada menos importante do que a língua inglesa, por exemplo, em se tratando de criação neológica já que, de um lado, decorreu um sentimento, partilhado por muitos, de que ela é menos apta para exprimir todas as noções científicas ou técnicas que proliferam no mundo contemporâneo, noções essas, na maioria das vezes, criadas nos Estados Unidos da América, país cuja língua oficial é a língua inglesa e, de outro lado, uma espécie de passividade diante da invasão do vocabulário especializado de língua inglesa, importado ao mesmo tempo que as novidades técnico-científicas. Ainda nesse item, cite-se uma realidade sócio-política internacional: apesar de seus milhões de falantes, a língua portuguesa nunca foi um meio de comunicação privilegiado e só agora, após a entrada de Portugal na Comunidade Econômica Européia (CEE), é que o idioma começa a possuir uma importância para os negócios globalizados. Desses fatos conclui-se que há uma razão coerente para que palavras da língua inglesa estejam disseminadas em nosso país, principalmente em relação às línguas de especialidade, como a terminologia da informática, por exemplo.

Com o desenvolvimento dos trabalhos terminológicos, a partir de meados da década de 80, esse quadro começou a mudar. Inicialmente como uma preocupação das universidades, os trabalhos terminológicos chegaram às empresas, onde a comunicação é tratada como prioritária e estratégica. Nesse âmbito empresarial, a terminologia tem sido praticada, com finalidade normativa, entre os membros das Comissões de Terminologia criadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), subsidiária no Brasil da International Standardization for Organization (ISO) com sede em

Genebra na Suíça. Esse trabalho tem auxiliado os empresários a adequarem suas terminologias às normas científicas internacionais, o que facilita a exportação de seus produtos e a comunicação entre as empresas.

Diferente da comunicação feita por jornalistas especializados, que banalizam a linguagem para melhor atender ao grande público, a comunicação científica pura, segundo Ribeiro (1998:52), “carrega uma assimetria no processo interativo entre o cientista e a sociedade. A linguagem técnico-científica é complexa, especializada e composta por termos específicos que buscam a precisão conceptual de forma a não apresentar dupla interpretação.”

Nas línguas de especialidade, o universo terminológico constitui um sistema aberto e em estado permanente de evolução, apesar da impressão de estabilidade terminológica. Ainda segundo Ribeiro (1998:52), “há, portanto, um movimento com inovações terminológicas que decorrem da necessidade de nomear novas unidades referenciais correspondentes a novos recortes conceptuais e propicia a renovação do acervo lexical disponível ao falante.” O surgimento de um novo conceito leva a uma nova denominação. Foi o que ocorreu com a terminologia da gestão pela qualidade total.

A gestão pela qualidade total (GQT) chegou ao Brasil em 1987 com a Siemens, empresa de capital alemão fabricante de equipamentos industriais, que obteve o certificado da série ISO 9000. Em 1995, o país já acumulava um total de 923 (novecentos e vinte e três) certificados dessa série ocupando o vigésimo lugar na classificação/país do mundo. Esses números demonstram a preocupação das empresas brasileiras em serem reconhecidas internacionalmente por seus procedimentos de produção com qualidade, o que lhes possibilitaria a exportação sem grandes dificuldades.

As idéias preconizadas pela GQT foram implantadas no Japão na década de 50. Basicamente, essas idéias, segundo Silva (1998:104), comportam “parte da gerência global que determina e implementa a política da qualidade a partir de um conjunto de procedimentos que incluem planejamento estratégico, alocação de recursos e outras atividades sistemáticas como o planejamento, o controle e a melhoria da qualidade.” Essa implantação foi realizada por William Edwards Deming, um americano especializado em estatística. Após trinta anos de bons resultados no Japão, os EUA o redescobriram, e ele ajudou fábricas, como a General Motors e a Ford, a se recuperarem da aguda crise econômica em que viviam. Essas informações chegaram ao Brasil tempos depois, e as empresas

procuraram implementar essas idéias. As dificuldades foram imensas. Como vários profissionais colaboraram, surgiu uma preocupação em harmonizar os termos utilizados por essa língua de especialidade.

Este estudo tem por objetivo apresentar os resultados das formações morfológicas identificados nessa pesquisa monolíngüe a partir da Dissertação de Mestrado intitulada *Dicionário Terminológico da Gestão pela Qualidade Total*, apresentada pelo autor em 1998, ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Área de Concentração em Filologia e Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, que pode ser consultada *on-line* no *website* <http://www.pessoal.onda.com.br/manoelma>.

Material e métodos

Os termos relacionados à implantação da GQT em uma indústria de transformação foram recolhidos em um *corpus* composto de 22 (vinte e duas) obras. Apesar de haver um número bem maior de obras dedicadas ao tema, essas foram as escolhidas por serem representativas desse universo terminológico. Muitas são traduções de obras dos precursores da GQT no mundo; outras foram escritas por especialistas brasileiros reconhecidos internacionalmente por seus trabalhos em relação à propagação e implementação dessas idéias. Essa recolha se deu por meio da leitura dessas obras, tendo como aparato teórico a delimitação da unidade terminológica a partir do critério semântico. Esse critério pressupõe que o termo seja uma unidade constituída de duas ou mais unidades léxicas, mas o seu significado é individual e as unidades, individualmente, perdem os seus significados e adquirem um outro que só é compreendido dentro do contexto da língua de especialidade. A partir dos subcritérios da inseparabilidade, da comutação e do significado único, foi possível delimitar esses termos nas obras que nos serviram como *corpus*.

Depois, foi inventariado, com a ajuda de especialistas, um índice remissivo com 268 (duzentos e sessenta e oito) termos, que respeitou os três eixos significativos propagados por Deming: o planejamento, o controle e a melhoria da qualidade total. Esses termos foram definidos e contextualizados para assegurar uma possível harmonização em seu emprego. Alguns dados surgiram da pesquisa, mas, entre eles, o mais significativo talvez tenha sido a presença de diversas formações morfológicas na adaptação dos neônimos oriundos das traduções desses termos. Essas

formações serão aqui comentadas e exemplificadas, mas antes será dada uma contextualização teórica.

Inicialmente, é necessário trazer as especificidades semânticas de cada uma das disciplinas afins que teorizam sobre as influências do surgimento de novas unidades lexicais em um determinado idioma. Todas elas, por sua vez, são ciências da lingüística contemporânea. Ao se falar em lexicologia e lexicografia, tem-se duas atitudes, duas posturas e dois métodos em face do léxico geral: a lexicografia, como técnica dos dicionários; a lexicologia, como estudo científico do léxico. Semelhantes relações estabelecem-se entre a terminologia e a terminografia, em relação às línguas de especialidade.

Para que se possa fazer uma distinção mais pormenorizada entre essas disciplinas afins, é necessário recorrer a alguns critérios. O primeiro deles, diz respeito ao campo de trabalho: a lexicologia, segundo Cabré (1993:86), “ocupa-se da análise e descrição da competência léxica do falante, supondo que cada um deles conheça uma lista de unidades léxicas, um conjunto de regras de formação dessas unidades e um conjunto de dados lingüísticos e enciclopédicos sobre cada uma delas. A terminologia, por sua vez, centra-se nas unidades léxicas próprias de um campo de especialidade ou de uma área profissional.” A lexicologia é, portanto, nessa perspectiva, essencialmente descritiva enquanto a terminologia é normativa. Nesse aspecto, a neologia é, na lexicologia, um fenômeno espontâneo e natural. Em terminologia, ela desenvolve-se, basicamente, para responder às necessidades precisas de uma área de especialidade.

Quanto ao critério da unidade de base, a lexicologia ocupa-se do estudo das unidades lexicais e a terminologia do estudo dos termos. Ainda segundo Cabré (*op. cit.*:87), “a unidade lexical é uma unidade descrita por um conjunto de características lingüísticas sistemáticas e dotada da propriedade de se referir a um elemento da realidade. O termo é uma unidade de características lingüísticas parecidas, utilizada em uma área de especialidade.” Enquanto a lexicologia interessa-se pela palavra, sob todas as suas formas, a terminologia estuda apenas um subconjunto de palavras, que são os termos. Eles não podem ser considerados isoladamente, mas sempre na sua relação com uma área conceitual, num domínio especializado. Em relação às unidades lexicais, os usuários finais são os falantes de um língua dada. Os usuários dos termos de cada especialidade são os profissionais da área de especialidade em questão.

Um terceiro critério que distingue essas disciplinas afins é o referente aos propósitos e objetivos de cada uma delas. A lexicologia, considerada desde o ponto de vista da lingüística aplicada, ocupa-se das unidades lexicais com o intuito de demonstrar a competência léxica dos falantes de uma língua; a terminologia, por outro lado, ocupa-se dos termos para fixar uma forma de referência.

Um último critério refere-se ao método de trabalho das disciplinas. A lexicologia trabalha a partir de hipóteses teóricas, que refuta ou valida mediante análises de amostras de produções de falantes; a terminologia não explica qualquer comportamento e apenas busca denominações para feixes de lexias previamente estabelecidos. A tarefa básica da terminologia é a nomeação e preenche uma função de codificação. A da lexicologia é a definição e preenche uma função de decodificação.

Com base nesses critérios, chega-se à questão da criação de novas unidades lexicais em um dado idioma, com o intuito de atender às necessidades de seus falantes ou de especialistas de uma determinada área do conhecimento. Esse processo é conhecido como neologia. Segundo Rondeau (1984:01), “o conceito de neologia é de ordem diacrônica. De fato, está essencialmente ligado ao dinamismo das línguas vivas em constante evolução.” A questão do surgimento de palavras novas remete o pesquisador ao século XVIII. Apenas no início do século XIX é que os franceses delimitaram essa noção de neologia, ou seja, essencialmente a criação de unidades lingüísticas com finalidade de dar conta de realidades novas. A neologia pode ser subdividida em dois grupos: a neologia geral, que é o estudo de todos os fenômenos lingüísticos que aparecem em determinado momento na evolução de uma língua viva, e a neologia lexical, que são as manifestações do fenômeno lingüístico neológico que dizem respeito às palavras, grupos de palavras, lexias, expressões e termos. O neologismo de língua comum, também denominado neologia, possui quase sempre um caráter regional, interno, no sentido de que ele geralmente não transpõe os limites da língua na qual foi criado, ou seja, não tem vocação transnacional. Não é o que ocorre com a neologia lexical especializada, também conhecida como neonímia. Sua tendência é a de ultrapassar os limites da língua em que foi criada e influir decisivamente na língua de chegada. Nesse sentido, um termo novo aparece numa língua de especialidade no momento em que uma noção é criada pelo especialista da área. Essa nova noção é nomeada por seu conceito, em sua língua de trabalho, e constitui os neônimos de

origem. Se uma nova noção circula com rapidez nos meios técnicos e científicos, a denominação que lhe foi atribuída na origem pode passar de uma língua para outra constituindo os neônimos de ajuste.

O neônimo é, segundo Rondeau (1984:04), “um signo lingüístico do mesmo tipo que o termo, no sentido de que é unívoco, monorreferencial e que a noção que ele recobre faz parte de um sistema de noções.” Ele se distingue do neologismo e de qualquer outro tipo de palavra graças a três critérios, cuja ação é convergente: (i) aquele da consciência coletiva de um grupo de especialistas de cada área; (ii) aquele do uso, que se pode medir, pelo exame de documentos técnicos recentes; (iii) aquele da datação relativa, obtida graças à verificação de obras lexicográficas gerais e especializadas. Entre o neônimo e o termo há ainda alguns critérios específicos que ambos partilham, em especial: (i) a univocidade, ou seja, a relação única e irreversível entre significante e significado; (ii) a monorreferencialidade, representação de um conjunto nocional único, ainda que a noção seja composta de vários elementos sêmicos; (iii) o pertencer a uma área ou a uma rede nocional; (iv) sua justificação, ou seja, o fato de ser criado para responder a uma necessidade de comunicação; (v) do ponto de vista da forma, é freqüentemente o do tipo sintagmático; (vi) possui uma estabilidade maior que o neologismo; (vii) eles se valem de séries afixais cujos valores semânticos são fixos.

Os neônimos apresentam três modos de formação: morfológico, morfossintático e morfossemântico. No modo de formação morfológico, há dois tipos de possibilidades: o composicional e o derivacional, a partir de bases variadas, às quais se juntam séries afixais bem caracterizadas. No modo de formação morfossintático, as possibilidades de formação agrupam-se no sintagma, que se pode encarar sob dois aspectos: pela sua forma e pelos elementos que o compõem. A siglação também participa do mesmo fenômeno porque ela constitui um meio de abreviar agrupamentos sintagmáticos denotando, então, uma dupla criação neonímica. Pela sua forma, o agrupamento sintagmático pode ser descrito com conector ou sem conector. Pelos elementos que o compõem, têm-se os sintagmas nominais e os sintagmas verbais. Há ainda um segundo modo de formação morfossintático que é o da redução, ou seja, consiste em combinar uma parte dos elementos de dois ou mais termos. Por fim, há a mudança de categoria gramatical que se encaixa nesse tipo de formação morfossemântico. No modo de formação morfossemântico, é possível distinguir dois

importantes tipos: o decalque, isto é, a tradução literal de palavra a palavra de um termo de uma língua para outra, aí compreendido o modelo sintático, e o empréstimo, que é utilizado ora em sua forma original ora em sua forma adaptada à língua de chegada até sua completa absorção pelos especialistas por uma das formas. Com todas essas possibilidades de formação, qual teria sido a mais produtiva em relação à terminologia da GQT em língua portuguesa?

Resultados e discussão

Com base nesses pressupostos teóricos, pôde-se constatar a diversidade de formação morfológica na língua de especialidade estudada através da identificação de neônimos oriundos de traduções. Tais neônimos, ao se adaptarem à língua portuguesa em sua fase de adoção, fizeram-no por meio das formações seguintes, que serão explicadas e exemplificadas com verbetes retirados do dicionário já aludido, onde há uma entrada com uma indicação morfológica, seguida de definição e contextualização do termo, além de informações lingüísticas ou enciclopédicas que auxiliam o usuário final no entendimento da noção em pauta.

A. Modo de formação morfológico: ocorre quando duas ou mais palavras se unem para dar uma unidade lexical graficamente contínua. Existem dois tipos: o composicional e o derivacional, sendo aquele o mais produtivo da pesquisa. No universo pesquisado, nada menos que 21 (vinte e um) termos, ou seja, menos de 10% do total, encaixaram-se nesse tipo de formação, enquanto apenas 2 (dois) termos foram pelo processo derivacional, ou seja, menos de 2%. O interessante, nesse primeiro exemplo, foi a junção de uma sigla, que significa, respectivamente, com sua tradução, P (*plan/planejar*), D (*do/desenvolver*), C (*check/controlar*) e A (*action/agir*), com outros dois adjetivos, onde a sigla substantivou-se na formação do termo. No segundo, há uma junção de dois estrangeirismos formando um único significado, cuja tradução ainda não foi definida pelos especialistas da área. Exemplos:

pdca amplo-empresarial sm

Técnica japonesa de gerenciamento que institucionaliza a mudança dentro da organização e direciona os esforços de todos os seus membros, envolvendo-os desde o desenvolvimento de uma visão estratégica a longo prazo até o *feedback* dos resultados.

Vamos agora procurar relacionar as 7 FGQ ao *Hoshin Planning*. Conhecido no Japão como *Hoshin Kanri* e traduzido nos EUA como *Management by Policy* (em oposição ao *Management by Objectives*) ou *Policy Deployment*, podemos defini-lo como um <PDCA amplo-empresarial>. Moura, Eduardo C. - *As sete ferramentas gerenciais da qualidade*, 1994:109.

warusa-kagen sm

Conjunto de fatos que não constituem realmente um problema, mas devem ter um encaminhamento mais adequado.

Deixadas como estão, <*warusa-kagem*> podem, posteriormente, se desenvolver até problemas sérios e podem causar danos substanciais. No local de trabalho, geralmente é o operário, não o supervisor, que percebe <*warusa-kagem*>. Imai, Masaaki - *Kaizen: a estratégia para o sucesso competitivo*, 1992:150.

Estrangeirismo japonês ainda não traduzido.

B. Modo de formação morfossintático

B.1. Agrupamento sintagmático: são combinações de elementos em uma unidade mais elevada, pertencentes a um sistema paradigmático das unidades lexicais, unificadas pelo sentido por suas propriedades denotativas. Sem dúvida, é o modo de formação mais importante e produtivo. Nada menos que 171 (cento e setenta e um) termos, ou seja, quase 70%, apresentaram esse tipo de formação morfossintático. Ele pode ser encarado sob dois aspectos: pela sua forma e pelos elementos que o compõem. A siglação também participa do mesmo fenômeno porque ela constitui um meio de abreviar agrupamentos sintagmáticos denotando, então, uma dupla criação neónímica. Os exemplos seguintes são agrupamentos sintagmáticos pela forma com conector, mas o dicionário apresenta também outros sem conector, bem como agrupamentos nominais e verbais, relacionados aos elementos que os compõem. No primeiro exemplo, percebe-se a versatilidade da língua portuguesa pois ela serviu à adaptação/tradução de um estrangeirismo. Já no segundo exemplo, a criatividade dos especialistas criou um sintagma híbrido, uma vez que o termo *kaizen* foi utilizado em sua forma original.

carta programada de processo de decisão sf

Diagrama que permite selecionar a melhor alternativa para se atingir um objetivo ou evitar um resultado indesejável diante de situações

desconhecidas ou particularmente sujeitas a imprevistos.

A <carta programada de processo de decisão> é um procedimento operacional capaz de evitar surpresas no desenvolvimento do projeto. Grimaldi, Roberto e Mancuso, José Humberto - *Folha-Sebrae*, 1994:04 (F8)

O termo constitui uma das *sete novas ferramentas* e é uma tradução da sigla PDPC que significa **process decision program chart**.

Cf. Diagrama PDPC

kaizen orientado para a administração sm

Melhoria que se concentra nas questões logísticas e estratégicas e que oferece um incentivo para manter o progresso e o moral da organização.

O <kaizen orientado para a administração> também assume a forma de um enfoque em grupo, como as equipes de *kaizen*, as equipes de projeto e as forças-tarefas. Imai, Masaaki - *Kaizen: a estratégia para o sucesso competitivo*, 1992:74.

B.2. Truncação: também conhecida como redução, é a abreviação extrema que reduz a palavra a uma letra ou duas. Sua produtividade no universo pesquisado foi insignificante já que apenas 6 (seis) termos, menos de 3%, puderam ser classificados como tal. Nos exemplos seguintes, ocorreu o fenômeno que formou um sintagma ao lado de uma palavra da língua geral.

técnica 3Q1POC sf

Técnica que possibilita o diagnóstico de um problema e o planejamento de soluções.

A <técnica 3Q1POC> consiste em equacionar o problema, descrevendo-o por escrito, da forma como é sentido naquele momento particular: como afeta o processo, as pessoas, que situação desagradável o problema causa. Grimaldi, Roberto e Mancuso, José Humberto - *Folha-Sebrae*, 1994:03 (F7).

A sigla corresponde, respectivamente, a 3Q (o quê? quando? quem?), 1P (por quê?), 1O (onde?) e 1C (como?)

curva H/P sf

Gráfico que demonstra a relação hora/produção, cujo cálculo é feito segundo as horas trabalhadas, multiplicadas pelo número de colaboradores e divididas pela produção mensal.

Efetuada o melhoramento de vários setores da produção, o resultado será demonstrado mensalmente na <curva H/P>. Por isso, a <curva H/P> é observada para acompanhar o desenvolvimento da racionalização em realização. Arai, Seiyu - *Araban: o princípio das técnicas japonesas de produção*, 1989:101.

B.3. Acrônimos: são lexias compostas contaminadas, forjadas pela apócope do primeiro elemento e pela aférese do segundo. No dicionário, nada menos que 15 (quinze) termos, quase 8%, podem ser considerados formações resultantes desse processo. Nesses exemplos, o fenômeno ocorreu formando um sintagma ao lado de uma palavra da língua geral.

ciclo PaFVA sm

Aperfeiçoamento do ciclo PDCA em que a administração decide primeiramente criar o padrão antes de desempenhar a função regular do referido ciclo. Esse processo de estabilização é freqüentemente chamado de <ciclo PaFVA>. Só quando o <ciclo PaFVA> está em atividade é que podemos passar para o melhoramento dos padrões atuais através do ciclo PDCA. A administração deve ter os <ciclos PaFVA> e PDCA trabalhando em harmonia todo o tempo. Imai, Masaaki - *Kaizen: a estratégia para o sucesso competitivo*, 1992:55.

A sigla significa, respectivamente: Pa (padronizar), F (fazer), V (verificar) e A (agir).

diagrama PDPC sm

Diagrama que permite selecionar a melhor alternativa para se atingir um objetivo ou evitar um resultado indesejável diante de situações desconhecidas ou particularmente sujeitas a imprevistos.

Como dissemos, o <diagrama PDPC> permite antever e gerenciar ocorrências inesperadas. Embora imprevistos possam acontecer praticamente em toda e qualquer atividade que se execute, o <diagrama PDPC> não deve ser aplicado a todas as situações. Moura, Eduardo C. - *As sete ferramentas gerenciais da qualidade*, 1994:77.

O termo constitui uma das **sete novas ferramentas** e a sigla **PDPC** é um estrangeirismo inglês que corresponde a **process decision program chart** cuja tradução é **carta programada de processo de decisão**.

Cf. carta programada de processo de decisão

B.4. Siglas: elas guardam uma letra inicial dos termos e são consideradas um caso extremo de apócope múltipla. De acordo com a teoria, elas apresentam de duas a quatro letras e, além disso, são integradas e podem transformar-se em lexias. No universo pesquisado, 17 (dezesete) termos, quase 8%, apresentaram esse tipo de formação. A seguir, alguns exemplos a mais nesse tipo de formação para que se verifique sua produtividade, ou seja, nesses exemplos a sigla uniu-se a numerais compondo termos distintos com significações específicas.

qcd sigla

Função do administrador técnico da organização que não transfere responsabilidades em busca da qualidade.

É compreensível haver vários problemas causados por fatores alheios a sua seção, dificultando chegar ao objetivo <Q. C. D.>, mas a transferência de responsabilidade não leva à solução do problema. Arai, Seiyu - *Araban*: o princípio das técnicas japonesas de produção, 1989:63.

Estrangeirismo inglês em sigla que significa, respectivamente: Q. *quality*/qualidade, C. *cost*/custo, D. *delivery*/entrega.

O Q. deve ser adicionado durante o processo, o C. necessita de elevação da produtividade e os problemas em D. acontecem quando ocorre qualquer acidente repentino ou por fator externo.

mrp sigla

Técnica de gestão que permite o cálculo computacional das quantidades e do momento em que os materiais são necessários, em um processo de manufatura, para que se cumpram os programas de entrega dos produtos, com a formação mínima de estoques.

A técnica do <MRP> permite, fazendo-se uso de uma ferramenta computacional capaz (...), aumentar a coordenação entre o consumo e a obtenção dos itens. (...) Numa linguagem mais prática, o <MRP> sugere a colocação de ordens de produção e de compra nas quantidades necessárias e nos momentos necessários. Moura, Reinaldo A. - *Kanban*: a simplicidade do controle da produção, 1989:153.

Estrangeirismo inglês de *material requirements planning* e cuja tradução é planejamento das necessidades de material.

mrp II sigla

Sistema gerencial de programação operacional de todos os recursos de uma organização industrial, especialmente projetado, com o auxílio de computador, para execução e simulação.

O <MRP II> irá planejar a necessidade exata de cada componente e matéria-prima. (...) A figura 7A é um esquema simplificado de um sistema <MRP II>. Moura, Reinaldo A. - *Kanban*: a simplicidade do controle da produção, 1989:155 e 157.

Estrangeirismo inglês que significa *manufacturing resources planning* e cuja tradução é planejamento dos recursos de manufatura.

O conceito foi desenvolvido na metade dos anos 70.

mrp III sigla

Autorização da produção, por meio do consumo da produção prévia, cuja função do inventário na linha de produção é atender à atividade da produção, e o sinal de reabastecimento é o consumo, não a demanda antecipada.

Agora, com o advento do <MRP III>, estamos substituindo a lista de despacho por cartões *kanban*. Alguns consideram isso um passo na direção certa. Moura, Reinaldo A. - *Kanban*: a simplicidade do controle da produção, 1989:173.

Estrangeirismo inglês que significa *material requirements planning* e cuja tradução é planejamento das necessidades de material.

O conceito constitui uma integração entre **MRP II** e **JIT**.

c) Modo de formação morfossemântico

C.1. Empréstimo: ele se encontra dentro do modo de formação morfossemântico e ainda é utilizado com uma certa frequência, principalmente quando a terminologia da área é recente e se encontra em uma fase de adaptação ao novo idioma. Pode-se distinguir dois tipos: o interno, que ocorre no interior de uma mesma língua, e o externo, que pode ser direto ou com transformações. Além disso, pode ser não só fonológico, gráfico, lexical, gramatical, textual, de forma e de sentido, mas também uma integração fônica ou léxico-morfológica dos mesmos na língua de chegada. Quando ele não é aceitável, diz-se que ocorreu o decalque, ou seja, outra palavra é utilizada pela sua tradução literal ou por imitação autóctone de seu tipo de formação. Na pesquisa apresentada, surgiram alguns tipos de empréstimos, mas sempre da língua inglesa ou japonesa. De um total de 268 (duzentos e sessenta e oito) termos, apenas 32 (trinta e dois) deles, quase 12%, vieram de empréstimos. Exemplos:

fool proof sm

Incorporação de mecanismos de defesa à tecnologia de um processo, que reduzem as probabilidades de erros humanos por inadvertência.

As empresas automobilísticas ocidentais igualam seus funcionários a um retardado, ao empregarem o <"Fool Proof">. Isto significa, em última análise, que seus produtos são produzidos por retardados. Arai, Seiyu - *Araban: o princípio das técnicas japonesas de produção*, 1989:12.

Estrangeirismo inglês não traduzido.

takumi sf

Ideograma que simboliza uma perseguição contínua à superioridade.

Convém nesse ponto ter bem claro o conceito da palavra <takumi> que tanto diferencia o comportamento do japonês em relação ao ocidente em geral. Mirshawka, Victor - *A implantação da qualidade e da produtividade pelo método do Dr. Deming*, 1990:52.

Estrangeirismo sob forma de caractere japonês (*kangi*) que simboliza uma dimensão mais ampla do que a qualidade.

O termo constitui um processo mais profundo do que educação e um método mais perfeito do que a persistência.

O estudo procurou apresentar algumas formações morfológicas da terminologia da gestão pela qualidade total por meio da apresentação de uma teoria que desse respaldo aos resultados obtidos em uma pesquisa terminológica monolíngüe. Constatou-se que a língua portuguesa tem se mostrado produtiva ao atender às necessidades dos especialistas quando da adaptação de neônimos oriundos de traduções uma vez que de um universo de 268 (duzentos e sessenta e oito) termos apenas 32 (trinta e dois) deles, ou seja, quase 12%, puderam ser considerados empréstimos, apesar de todos eles serem oriundos de traduções. Como a produção

terminológica está intimamente ligada a seus usuários e à questão econômica necessária para viabilizá-la, a terminologia apresentada pôde ser adaptada ao Português porque o domínio pesquisado está ligado à indústria de transformação que procura exportar os seus produtos e necessita do selo de qualidade da série ISO 9000 para ganhar mercado. Por meio da apresentação desses resultados, é possível inferir que a língua portuguesa, ao assimilar e adaptar estrangeirismos, tem-se mostrado, progressivamente, uma língua de comunicação especializada.

Referências bibliográficas

- Alves, I.M. Neologia e terminologia. *Terminometro*, 49:50, 1998.
- Cabré, M.T. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.
- Desmet, I. Princípios teóricos da terminologia: especificidades da neonímia. *Terminologias*, 1:14-26, 1990.
- Guilbert, M.L. Théorie du néologisme. *Cahiers de l'Association Internationale des Études Françaises*, 25:9-29, 1972.
- Kocourek, R. *La langue française de la technique et de la science: vers une linguistique de la langue savante*. Wiesbaden: Brandstetter, 1991.
- Ribeiro, R.M.A. Panorama da terminologia na Embrapa e estado de desenvolvimento das atividades de normalização neológica. *Terminometro*, 49:51-53, 1998.
- Rio-Torto, G.M. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao Português*. Porto: Porto Editora, 1998.
- Rondeau, G. La néologie terminologique (néonymie). In: *Introduction à la terminologie*. 2.ed. Québec: Gaetan Morin, 1984, Cap. 5.
- Silva, M.M.A. *Dicionário terminológico da gestão pela qualidade total*. São Paulo, 1998. (Master's Thesis) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Received on January 14, 2000.

Accepted on February 29, 2000.